



Teatro Cultura Artística

Grande Auditório

SARAU 704.º
EM
18 e 19-9-1952



PROGRAMA
OFICIAL
GRATIS

Lave o seu Cabelo e Avive-lhe a Côr!



Esta é a mais sensacional novidade do ano!
Helena Rubinstein acaba de criar um Shampoo que
lava realmente o seu cabelo e aviva-lhe a côr.

SILK SHAMPOO acentua com o sensacional "COLOR-TONE" o colorido natural do cabelo, tornando-o mais vibrante e lúcido. Silk Shampoo, à base de sêda natural, lava impecavelmente, revigora e deixa o cabelo sedoso, flexível e brilhante. Silk Shampoo, três tonalidades. 50,00

Escolha sua côr

SILK SHAMPOO BLONDE, criado para que as loiras sejam mais riantes, as ruivas mais fulgurantes e as morenas-claras mais douradas.

SILK SHAMPOO BRUNETTE aumenta o profundo negror do cabelo preto, dando-lhe intenso brilho; o castanho-escuro adquire o maravilhoso cambiante da sêda.

SILK CREAM SHAMPOO é indicado para cabelos brancos e grisalhos. Oculta estrias amarelas e empresta reflexos prateados. Shampoo cremoso, lubrifica pontas ressecadas, regenera e fortalece o cabelo.



Helena Rubinstein

PARIS

NEW YORK

LONDON

TEATRO
CULTURA ARTISTICA

GRANDE AUDITORIO

SARAU 704.o, nos dias 18 e 19 de setembro de 1952, às 21 horas

REALIZAÇÃO DA GRANDIOSA
"MISSA SOLENNIS"
DE BEETHOVEN

para a dupla comemoração

do 40.o aniversário da SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA e
do 125.o aniversário da morte de LUDWIG VAN BEETHOVEN



CHAPÉUS FINOS

Para Senhoras

Grande Variedade

Ultimos Modelos

BROADWAY

Rua Santa Efigenia, 276

Fone, 34-4547

São Paulo



São Paulo de 1912 era mais parecida com a velha cidade provinciana e patriarcal dos primórdios da República, do que com a cidade tentacular de hoje e cujo vertiginoso progresso nos enche de muito orgulho e algum susto. Mas uma parte escolhida da sociedade então, já naqueles tempos que o paulistano de hoje pôde apelar de heróicos, sentia a necessidade de coordenar os esforços comuns em prol de um centro de cultura artística. A criação de tal centro, o seu desenvolvimento ulterior, o faria emparelhar com a iniciativa do Estado, ampliando-a e corrigindo-a nos inevitáveis desvios, a fim de educar em matéria de arte o paulistano, aprimorando-lhe o gosto, procurando elevar o nível das manifestações da arte em geral, em suma tentando criar-lhes um público tão numeroso como atento e o qual se interessasse convencidamente tanto pelas realizações artísticas tradicionais como pelas que se destacassem pelo seu caráter moderno ou inédito.

OS TEMPOS HERÓICOS DA CULTURA

..Mas, se os fundadores da logo chamada "Sociedade de Cultura Artística" eram gente porfiosa e cheia de clarividência pois na cidade de 1912 já antevia as linhas do futuro, os meios materiais lhes eram muito pouco abundantes. A própria rotina provinciana dos saraus familiares e tertulias literarias e cívicas não deixou de imprimir o seu cunho sobre as primeiras manifestações da nóvel sociedade. Assim, a "Cultura", tendo-se apresentado ao público, sob os melhores auspícios, no dia 26 de setembro, no salão do Conservatório, com uma conferência, que ficou célebre, de Amadeu Amaral sobre Raimundo Correia, seguida de concerto regido pelo maestro João Gomes de Araujo, foi logo colhida por uma série de dificuldades extremas, de que só se livrou pela dedicação dos seus diretores e pelo decidido apoio de intelectuais e artistas. A módica mensalidade (três mil réis) não era incentivo bastante para que o pacato paulistano pudesse deixar os seus habitos patriarcais, nem a qualidade dos programas que contavam, nesses primeiros tempos com a colaboração de nomes como de Pedro Lessa, Oliveira Lima, prof. Chiafarelli, Arthur Napoleão e outros expoentes nas letras e artes.

Até 1914, a vida da "Cultura" foi precária, notando-se enfim uma melhora das condições da sociedade no decurso do ano seguinte, em que uma esplendida série de conferências de Affonso Arinos sobre "As Lendas e Tradições Brasileiras", a conferência de Graça Aranha sobre Joaquim Nabuco, os recitais de Olavo Bilac, os concertos do famoso trio Antonieta Rudge — Paulina d'Ambrosio — Brasilina Bormann dão nova vida à "Cultura", e o curso de Alfredo Pujol sobre Machado de Assis.

A "CULTURA" TRIUNFA AFINAL

Em 1915, a sociedade que conta já com 500 sócios, consolida-se. Elaboram-se os estatutos,

edita-se um volume das conferências feitas sob o seu patrocínio, realizam-se 32 concertos, reelegue-se a diretoria, sob a presidência do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, sendo tesoureiro J. Mello Abreu e secretario Nestor Rangel Pestana, os três grandes animadores da "Cultura".

Já em 1916 o limite de 500 socios tinha sido alcançado e, como reza o relatório do ano "a diretoria recebeu frequentes reclamações de pessoas que, desejando figurar entre os membros da associação, não o podiam fazer", por estar estabelecido aquele limite. Apesar da dificuldade de encontrar local que comportasse maior assistência, a diretoria elevou a 650 o número de socios e a 50 mil réis a joia exigida. Tais medidas e a constituição de um fundo especial para a construção de sede própria, marcam o início do que pode chamar-se, com inteira propriedade, a batalha da Cultura pelo seu prédio.

Ainda em 1916 a "Cultura" editou o segundo volume das "Conferências" proferidas sob o seu patrocínio e preparava o terceiro onde se coligaram as conferências de Afonso Arinos, saído a lume já em 1918. Pode-se dizer, que a Sociedade não só vingara, pois a sua situação financeira era excelente, mas, pouco a pouco, tinha assumido um caráter de verdadeira organização cultural muito distante dos modestos e provincianos objetivos a que, nos seus primeiros tempos, era forçosamente limitada. Já em 1917 pudera oferecer aos socios dois grandes espetáculos no Teatro Municipal, para apresentação da Companhia de "Ballet" russo, com Nijinski, e "Tristão e Isolda", pela Companhia Lírica Oficial daquela temporada. Nunca se interrompeu de então para agora o progresso da "Cultura". Do mesmo passo prosseguiu o trabalho das diretorias para obter prédio próprio, até que, em fins de 1920, a "Cultura" realizava a compra do terreno onde, volvidos quase trinta anos, deveria erguer-se a sua sede. Para a aquisição do terreno, formou-se um fundo especial de donativos dos sócios, sendo de recordar-se a benemerência da sra. d. Antonieta Arinos, viuva do saudoso escritor Afonso Arinos. As vicissitudes económicas de São Paulo em todo o período seguinte às comoções políticas ulteriores, influindo naturalmente sobre o afluxo de sócios e sobre a possibilidade da realização mesmo dos fins sociais, nunca foram porém de molde a diminuir o fervor de alguns elementos fundadores da sociedade. Assim é que, depois do desaparecimento do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, de J. de Melo Abreu, a Nestor Rangel Pestana couberam as maiores responsabilidades pela direção da "Cultura" em quadras difíceis como cabem hoje os mais justos louvores pela obra realizada.

A sua infatigável atividade, de vinte e tantos anos, em prol da "Cultura", o fez merecedor do título do mais assíduo e diligente benfeitor da Sociedade. Após a sua morte, em 1933, sucedeu-lhe na secretaria da "Cultura" a sra. d.

Esther Mesquita a quem, coube, no desempenho do cargo que vem exercendo desde então, a organização e a consecução do objetivo primordial do prédio próprio.

—oOo—

Para fecho desta simples resenha das atividades da "Cultura", permita-se-nos lembrar as palavras de Mario de Andrade dizendo da benemerência da Cultura no seu 30.º aniversário:

"O que determina em principal o mérito primeiro e a utilidade magnífica da Sociedade de Cultura Artística é a qualidade musical que ela impõe a São Paulo, se erguendo a pioneira na apresentação dos grandes virtuosos e agrupamentos musicais estrangeiros de celebridade mundial. . .

Com isto, a Sociedade de Cultura Artística criou um padrão de qualidade, muitíssimo mais eficiente não há dúvidas que a aventura comercial dos empresários" . . .

É a própria vida musical paulista, é a própria prata de casa que beneficia d'este policiamento. . ."

E se é incontestável que a vida musical paulista ainda consegue se manter numa elevação muito honrosa, ela o deve em parte decisiva ao exemplo e ação da Sociedade de Cultura Artística."

As palavras de Mario de Andrade são de 1942, mas nada temos de acrescentar-lhes, senão que a função social da "Cultura" sem dúvida, se caracteriza e se aprimora cada ano que passa.

DIRETORIA ATUAL

Presidente —	Antonio de Araujo Novaes Junior
Vice-presidente —	Noé Azevedo, prof. dr.
1.ª Secretária —	Esther Mesquita
2.ª Secretário —	Acacio Arruda
Tesoureiro —	Silvio Alves de Lima, dr.

CONSELHO FISCAL

Fred C. Church
José Carlos de Macedo Soares, dr.
Numa de Oliveira
Roberto Cerqueira Cesar, dr.
Roberto Moreira, dr.

DR. HUGH ROSS

Hugh Ross nasceu no Sudoeste da Inglaterra. Durante sua infância, os famosos pesquisadores de canções anônimas populares costumavam ficar em casa de seu pai, quando colhiam folclore do Somersete. Mais tarde, Ross iria estudar com um desses pesquisadores, o mais famoso deles: o compositor Vaughan Williams. Já com a idade de cinco anos o maestro mostrou suas inclinações musicais. Sir Hugh Aulen, então diretor do Royal College of Music, em Londres, deu-lhe bolsas de estudo nessa instituição e na Universidade de Oxford.

Tomou parte na Primeira Grande Guerra, onde sofreu ataque de gás. Terminada a conflagração, Hugh Ross dirigiu a Orquestra Ansermet quando "ballets" famosos, como "O chapéu de três pontas" de De Falla e o "Sacre du Printemps" de Stravinsky foram dados em Londres pela primeira vez.

Em 1920, partiu para Winnipeg, no Canadá, onde fundou a orquestra sinfônica local e um câoro. Ali introduziu as sinfonias e oratórios clássicos, e convidou a reger sua orquestra vários

maestros famosos. Três deles, Gabrilowitch, Bauer e Enesco foram responsáveis pela ida de Hugh Ross para a direção da Schola Cantorum de New York. Enquanto permanecia com o cargo, Hugh Ross viajou pela Europa, onde trabalhou com Kodaly e Bartok, na Hungria, e estudou especialmente com Egon Wellesz, o discípulo de Schoenberg.

Em New York, Hugh Ross continuou a orientação da Schola Cantorum, de apresentar obras novas. Foi ele quem ali executou a "Persephone" de Stravinsky, "Julius Caesar" de Malipiero, "Sinfonia Bíblica", de Juan José Castro, "La figure humaine" de Poulenc. Encontrou Villa-Lobos em Paris, e, em 1930, executou o "Choro n.º 10" do compositor brasileiro, em New York. Sua esposa, educada na Rússia, ajudou-o a preparar obras russas para serem tocadas na América, tais como "A vida pelo Tzar" de Glinka, a "Salamambo" de Moussorgski, "Guerra e Paz" de Prokofieff. Visitou a Espanha, onde trabalhou com o "Orfeo Catala", e, graças à ajuda de Rudolph Ficker, Handschin e outros estudiosos, resuscitou antigas obras-primas de Perotin, Dufay, Leonin. O "Quadruplum Organum" de Perotin fez tal sensação em New York que foi comparado ao "Sacre du Printemps".

De 1930 em diante, Toscanini contratou a Schola Cantorum de Hugh Ross para a execução de obras corais com a New York Philharmonic Orchestra, o que se iniciou com seis apresentações da "Missa Solemnis" de Beethoven. Toscanini regia a Schola, sempre preparada por Hugh Ross, em várias obras, tais como o "Requiem" e o "Te Deum" de Verdi, o "Requiem" de Brahms, o "Liebeslieder", a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Em 1930, foi vice-diretor da parte de música da Feira Mundial de New York. Para essa cidade trouxe o "ballet" japonês "Botões de Cerejeira", o "ballet" polonês de Woizikowski, a cantora Elsie Huston, intérprete de música brasileira. Conduziu concêrtos de música popular americana. Com o dr. Armando Vidal, Comissário Brasileiro da Feira, organizou séries de concêrtos de música brasileira no Museu de Arte Moderna. Apresentou obras instrumentais e corais de Villa-Lobos, Guarnieri, Heckel Tavares, Luciona Gallet, depois do que o "Noneto" e o "Quarteto" de Villa-Lobos foram gravados.

Desde 1928, Hugh Ross ligou-se a Serge Koussevitsky, primeiramente como colaborador na primeira audição da "Sinfonia dos Salmos" de Stravinsky, e depois fornecendo os câoros para Dukelsky, Lourié e outros músicos amparados por Koussevitsky. Finalmente, tornou-se diretor da parte coral do mundialmente famoso Berkshire Music Center. Foi aí que trabalhou com Eleazar de Carvalho, que o convidou para visitar o Brasil, país cuja música se orgulha de ter apre-

PELES

Arnold

MODAS

*representa:
Competência
e Confiança*



Rua 7 de Abril, 361 • Fone, 34-8431

sentado nos Estados Unidos mais do que qualquer outro regente, afora os próprios brasileiros. Hugh Ross conduziu obras corais de tôdas as escolas e épocas; editou obras antigas e contemporâneas, especialmente composições corais da América do Sul. Villa-Lobos, Guarnieri, Chavez, Castro, Santa Cruz, que lhe dedicaram muitas de suas composições, que êle executou ainda em manuscrito. Do mesmo modo, compositores norte-americanos, entre êles Copland, Dello Joio, Sessions, Bacon, compuseram especialmente para a Schola Cantorum de Ross, assim como para festivais colegiais que Hugh Ross dirigiu. Regeu as seguintes orquestras sinfônicas, entre outras: Pittsburg, Minneapolis, Buffalo, Washington, Louisville, NBC e CBS de New York, tôdas nos Estados Unidos, e a BBC de Londres, além de numerosos concêrtos com as orquestras Filarmônica de New York, Sinfônica de Boston e Sinfônica de Filadelfia.

Uma pequena lista dos mais recentes trabalhos de regência de Hugh Ross dará um exemplo de sua espantosa atividade. Com a Schola

Cantorum e a Orquestra Filarmônica de New York, em 1951 e 1952: "Magnificat" de Bach, "Te Deum" de Bruckner, "Sinfonia da Primavera" de Benjamin Britten, "Utrecht" de Haendel, "Missa Militar" de Martinu, "Retratos da época dos Tudor" de Vaughan Williams. No Berkshire Music Festival, com a Orquestra Sinfônica de Boston: as cantatas "Eine Fest Burg" e "Komm, du suesse Todestund" de Bach, a "Missa Brevis" de Mozart, obras de Laland, Dalla Piccola. Com a orquestra e o còro de Louisville, em 1951, o oratório "Jeanne d'Arc" de Henegger. Com a orquestra de Pittsburg e o còro Mendelssohn daquela cidade, "Theresien-Messe" de Haydn e "Alleluia" de Roy Harris. No Winthrop College Summer Festival, na Carolina do Sul, o "Stabat Mater" de Dvorack, em 1951, e a "Criação" de Haydn, "American Psalms" de Ross Lee Finney, e "Amahl e os visitantes noturnos" (ópera) de Menotti. Outras execuções nestes anos incluem a ópera "Infância de Cristo" de Berlioz, "Saint Nicolas" de Britten, "História do nascimento de Jesus" de Schutz.



Isto é São Paulo!

2.a Edição

Um artístico álbum que espelha fielmente a São Paulo de hoje, na pujança extraordinária de seu dinamismo industrial, de sua florescente arquitetura, de seu desdobramento multiforme, de sua riqueza de colorido, vida e poder criador. Vistas panorâmicas, peculiaridades, detalhes arquitetônicos, conjuntos fabris, obras de arte, entroncamentos de comunicações, vias de acesso, tipos e costumes.

Caprichoso álbum, impresso em fino papel "couché", formato 18 x 27 cm., contendo 96 fotografias inéditas e características documentando a capital bandeirante de hoje, a qual se prepara para festejar seu 4.º Centenário de Fundação.

Um prefácio em cinco línguas — português, inglês, francês, alemão e italiano. O texto das fotografias em português e em inglês. Constituiu-se em um maravilhoso presente a todos seus parentes e amigos residentes aqui e no exterior. Possuímos também o envelope especial, provido de ilhoses no fecho, próprio para remessas pelo correio e para o exterior.

Cr\$ 50,00

Em tôdas as boas livrarias ou nas

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Rua Líbero Badaró, 461 — São Paulo



ELEAZAR DE CARVALHO
DIRETOR ARTÍSTICO E REGENTE
TITULAR DA ORQUESTRA SINFÔNICA
BRASILEIRA, Rio de Janeiro

O nome de Eleazar de Carvalho dispensa a tradicional publicação de simples traços biográficos, uma vez que a sua carreira artística, tão brilhantemente conquistada no Brasil e no estrangeiro, expressa melhor do que aquêles a personalidade do regente patricio.

Ocupando, presentemente, os postos mais importantes na sua profissão, no país, tais sejam o de diretor artístico e regente titular da OSB, onze anos, apenas, depois de se diplomar em tôdas as cadeiras da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, culminando com a de canto, composição e regência, êsse sertanejo, nascido no interior do Ceará, conquistava, em 1946, os EE. UU. da América do Norte, graças à acolhida que lhe deu o insigne mestre e célebre maestro Serge Koussevitzky, diretor de uma das mais afamadas orquestras do mundo: a Boston Symphony Orchestra.

Levando consigo conhecimentos sólidos

adquiridos com seu mestre brasileiro, o prof. Paulo Silva, um diploma de humanidades e uma experiência de seis anos, quer regendo espetáculos líricos, como os de inauguração das Temporadas Líricas Oficiais do Teatro Municipal, em 1942, 1943 e 1944, quer regendo concertos sinfônicos com a própria OSB. Em São Paulo, não lhe foi difícil conquistar a admiração de Koussevitzky que o convidou para seu assistente na cadeira de regência do Berkshire Music Center, em Tanglewood, Lenox, Massachusetts, fazendo-o, em seguida, estreiar, nos EE. UU., à frente da famosa Orquestra Sinfônica de Boston, numa série de oito concertos.

Sua reputação, como regente, já está consagrada no Brasil e no estrangeiro, através de apreciações assinadas por eminentes críticos americanos, europeus e israelenses. Já regeu as maiores orquestras sinfônicas do mundo.

Além da de Boston, a New York Philharmonic, a Chicago Symphony, a Cleveland Symphony Orchestra, a Rallas Symphony Orchestra, Philharmonic da Palestina, a Orquestra Nacional da Bélgica, etc..

Como compositor, firmou-se com a ópera "Tiradentes", o que lhe valeu o título de membro da Academia Brasileira de Música, ocupando a cadeira n.º 14, cujo patrono é o insigne compositor Francisco Braga.

Devido à sua dinâmica personalidade, grande fôrça de vontade, perseverança e um inato talento, passou de simples tocador de tuba da Banda de Música do Corpo de Fuzileiros Navais, a embaixador da música brasileira no exterior, levando a todos os recantos do mundo os nossos compositores mais renomados, fazendo conhecidas as nossas principais obras sinfônicas.

Eleazar de Carvalho, que é considerado um dos mais autênticos intérpretes do poema sinfônico "Assim falou Zaratustra", de Strauss, bem assim de toda a obra dêsse compositor e da de Berlioz, teve a seu cargo a árdua tarefa da reorganização artística da OSB, que hoje se apresenta, mais uma vez, ao público paulista, para uma demonstração de sua capacidade de trabalho.

PHILCO

ARTE e CIÊNCIA

em seus pontos mais altos!

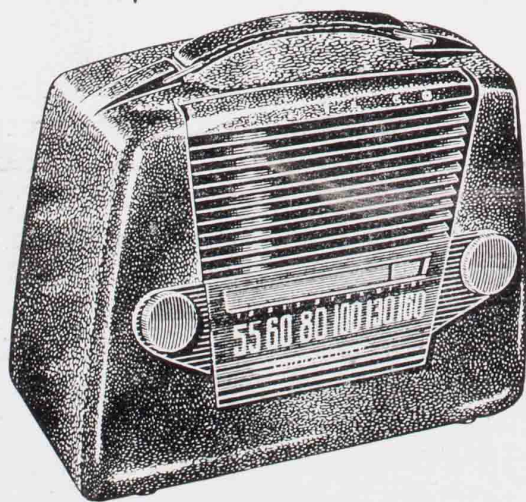


PHILCO - criação máxima no campo da ciência eletrônica e da arte decorativa!

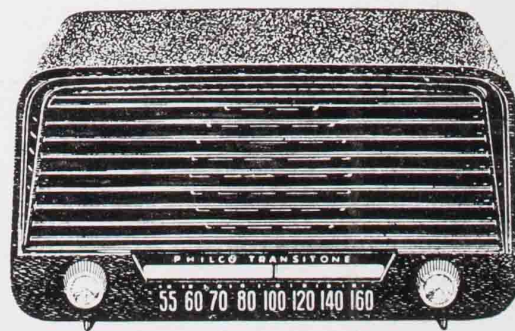
Logo à primeira vista percebe-se o quanto PHILCO é nobre nas linhas!

Ouví-lo, também, é concordar que

Vale a pena pagar-se um pouco mais, para ter-se muito mais em qualidade: **PHILCO!**



Philco Transitone — mod. 620 - 4 válvulas, antena interna, alto-falante de ímã permanente. Gabinete plástico de linda aparência.



Philco Transitone — mod. 540 — 5 válvulas, antena interna, alto-falante de ímã permanente. Lindo gabinete.

————— PHILCO — a marca de confiança da família brasileira! —————

MAESTRO SIXTO MECHETTI

É o público paulistano devedor ao maestro Sixto Mechetti de uma contribuição das mais valiosas para a formação e manutenção dos nossos corais. À frente do Coral Lírico, recentemente oficializado, a atuação do maestro Sixto Mechetti foi sempre efficientíssima, do que resultou a alta forma a que atingiu aquele magnífico conjunto.

Sob sua preparação atuaram na IX.^a SINFONIA, em 1950, sob a direção de Edoardo de Guarnieri, e, em 1951 sob a direção de Armando Belardi, os Corais Lírico e Paulistano.

Para a apresentação de hoje do Coral Municipal, foi confiada essa tarefa artística aos maestros Sixto Mechetti e Miguel Arqueróns.

MAESTRO MIGUEL ARQUERÓNS

Nasceu em Barcelona, Espanha, Miguel Arqueróns. Aos sete anos, iniciou seus estudos de canto com o maestro Luiz Romeu organista da Catedral de Vich, que educou sua excelente voz de soprano, preparando-o para o célebre coral de Montserrat. Em 1930 veio fixar residência no Brasil; diplomou-se pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde foram seus professores os maestros Wancolle, Samuel Arcanjo, J. Sepe e J. Caldeira Filho. Desde 1933 é professor do Colégio São Luiz, desta capital. Em 1938 foi contratado pelo Departamento de Cultura

para reger o Coral Popular e em 1940 recebeu convite para assumir o posto de regente do Coral Paulistano, funções que vem exercendo com inteira proficiência técnica e artística.

A B. B. C., de Londres, elogiou a orientação artística do Maestro Arqueróns no Coral Paulistano, achando mesmo que é um dos melhores trabalhos no gênero, que na América do Sul se estão realizando.

Para a apresentação de hoje do Coral Municipal muito se deve à colaboração do maestro Miguel Arqueróns.

CONTRALTO GISELA THURY

O contralto Gisela Thury, ainda criança, iniciou estudos de piano; mas, aos quinze anos de idade, descobrindo as qualidades de sua voz, preferiu fazer carreira de cantora de ópera. Húngara de nascimento, seu primeiro triunfo ocorreu em Viena, no ano de 1936, quando alcançou o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Canto. Logo depois, conseguiu um contrato para o Teatro de Ópera de Budapeste, onde interpretou, logo no primeiro ano, quinze papéis. No ano seguinte, cantou em Berna, como primeiro contralto do Stadttheater. A seguir, foi a Ópera de Colonia que a contratou, e aí cantou novos diversos papéis, entre eles o de Amneris, na "Aida" de Verdi, o de Azucena no "Trovador", Ulrica no "Baile de Mascaras", Octavio no "Cavalheiro de Rosa" de Richard Strauss e varios outros. Cantou igualmente em

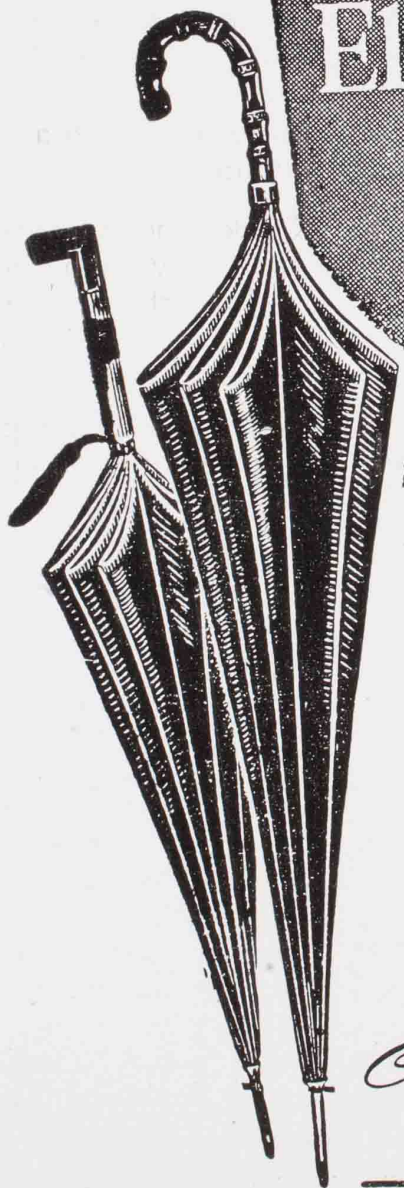
Berlim, Munich, Dresde, recebendo propostas para novas atuações, o que recusou, preferindo fixar residência na Suíça, durante a guerra. Ao terminar esta, voltou a Budapeste, onde começou a cantar novamente, em 1945, seguindo depois para Viena.

Tomou parte nos festivais de Salzburg, na temporada de 1947-1948, cantando o "Requim" de Verdi, o "Requim" de Mozart, a "Missa Solennis" de Beethoven.

Nas suas atuações como primeira figura em diversas óperas teve companheiros artistas de primeira classe, como Maria Cebotari, Irmgard Seejried, Anton Dermota, Julius Patzak, Ludwig Weber, Georg Hann, Anni Konetzni, Andrias Bohm, D. Ernester, e como regentes Richard Strauss, Fritz Zaun, Joseph Messner, Otto Klemperer, Felix Prochas e outros.

Presente

Elegante
e
Util



À sua disposição um completo
sortimento de Guarda-Chuvas e
Sombrinhas de nossa importação
e fabricação para facilitar a sua
escolha.

**DUAS GRANDES LOJAS
PARA MELHOR SERVIÇO**

R. QUINTINO BOCAIUVA, 257
FONE 32-6700

LGO. S. BENTO, 26
FONE 35-3393

Casas 
ALOE

BAIXO HERCULES SEVILLIS

O baixo Hercules Sevellis nasceu na Grécia, estudou com a famosa cantora lírica Elvira De Hidalgo, diplomou-se no Conservatorio Nacional de Atenas. Estreou na arte lírica com "O rapto no serralho" de Mozart, depois cantando "A flauta mágica" do mesmo autor. Cantou ainda mui-

tas óperas de diversos autores.

Seu nome, muito conhecido na Europa, nas mais importantes salas de concerto e nos maiores teatros líricos, apareceu sempre ligado a regentes tais como Victor de Sabata, Mario Cardone, Werner e Wolff, Nino Gaioni e outros.

SOPRANO LUCIANA BERTOLI

Nascida em Roma, iniciou seus estudos artísticos com a idade de sete anos, quando começou as primeiras aulas de dança clássica na Academia de Dança do Teatro da Ópera de Roma. Durante quatro anos foi primeira bailarina absoluta do Teatro La Fenice, de Veneza, e depois de outros grandes teatros da Itália.

Estudou piano com o maestro Silvestri, no Conservatorio de Santa Cecilia em Roma, fazendo depois um curso de recitativo com a célebre atriz Luise Franchini e com o maestro Boris Sharoff.

Aos vinte anos iniciou os estudos de canto, orientada por sua própria mãe, a conhecida artista lírica Ana Riccardi, que por sua vez havia recebido seus primeiros ensinamentos do célebre barítono Battistini.

Estreou em concertos clássicos de música de câmara, fazendo em seguida uma série de óperas, tais como "La Traviata", "Francesca da Rimini" "Otelo" "Mefistofele" e outras.

MARCELA ASCARELI ZIFFER

Marcella Ascarelli Ziffer dedicou-se ao canto após completar seus estudos de piano. Estudou canto em Nápoles aperfeiçoando-se depois em Roma e Paris.

A convite da Sociedade Bach de São Paulo e da Sociedade Coral e Sinfônica, deu varios concertos de música de câmara, apresentando sempre programas particularmente elaborados e interessantes.

Num deles, cantou em primeira audição no Brasil o "Stabat Mater" de Vivaldi, para vozes e orquestra.

Em 1949, convidada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, apresentou em primeira execução no Brasil a "Rapsodia" de Brahms para solo, orquestra e cântico, sob a regência do maestro Camargo Guarnieri.

TENOR AFRICO BALDELI

Africo Baldeli nasceu em Ancona, Itália. Estudou no Conservatorio Rossini Di Pesaro, com Arturo Melocchi, diplomando-se em 1938. Neste mesmo ano foi classificado em 1.º lugar no concurso nacional de canto, em Firenze e no internacional, em Viena. Estreou em Bolonha, no Teatro Commale, percorrendo a seguir os mais importantes teatros do mundo, entre eles o Scala de Milão, o Real de Roma, San Car-

lo de Napolis, Convent Garden, em Londres, Imperial de Viena, Berlin, Grande Opera de Paris e os outros.

Em 1948 venceu o concurso internacional da Radio Italiana, em Turimo. Já cantou sob a batuta dos mais famosos regentes e ao lado dos mais celebres artistas dos nossos dias. Especialmente no genero de Oratorio.

Móveis

Tepermann S.A.



Cortinas • Tapetes

Decorações internas

AV. RANGEL PESTANA, 2109 - FONE, 9-5205

Beethoven, "Missa Solennis", em Ré Maior op 123

para orquestra, coros e quatro solistas

Kyrie

Kyrie eleison, Christe eleison.
Senhor, tende piedade. Cristo, tende piedade.

Gloria

Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis. Laudamus te, adoramus te, glorificamus te, Gratias agimus tibi propter gloriam tuam, domine Deus. Rex coelesti, pater omnipotens, Domine fili unigenite. Jesu Christe, domine Deus, agnus Dei, filius patris, qui tollis peccata mundi, miserere nobis, suscipe deprecationem nostram, qui sedes ad dexteram patris. Quoniam tu solus sanctus, tu solus dominus, tu solus altissimus, Jesu Christe, cum sancto spiritu, in gloria Dei patris. Amen.

Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. Nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos adoramos e vos glorificamos. Nós vos damos graças pela vossa infinita gloria. Senhor Deus, Rei do Céu, onipotente, Senhor filho único de Deus, Jesus Cristo, Senhor Deus, cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, recebei a nossa deprecação, vós que vos assentais a mão direita do Pai. Porque só vós sois Santo, só vós Senhor, só vós altíssimo, Jesus Cristo, com o Santo Espírito na gloria de Deus Pai. Amen.

Credo

Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem, Factorem coeli et terrae visibilium omnium et invisibilium. Et in unum dominum Jesum, Christum, Filium Dei unigenitum, et ex Patre natum ante omnia saecula. Deum de Deo, lumen de lumine, Deum vero de Deo vero. Genitum, non factum, consubstantialem Patri, per quem omnia facta sunt. Qui propter nos ho-

mines, et propter nostram salutem descendit de coelis. Et incarnatus est de Spiritu Santo ex Maria Virgine: et homo factus est. Crucifixus etiam pro nobis: sub Pontio Pilato passus, et sepultus est. Et resurrexit tertia die, secundum Scripturas. Et ascendit in coelum, sedet ad dexteram Patris. Et iterum venturus est cum gloria, judicare vivos et mortuos; cujus regnum erit finis. Et in Spiritum Sanctum Dominum, et vivificantem: qui ex Patre Filioque procedit. Qui cum Patre et Filio simul adoratur, et glorificatur: qui locutus est per Prophetas. Et Unum, Sanctam, Catholicam et Apostolicam Ecclesiam. Confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum. Ex expecto resurrectionem mortuorum. Et vitam venturi saeculi. Amen.

Creio num só Deus, Pai onipotente, criador do céu e da terra, das coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, que nasceu do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. Não feito, mas gerado, da mesma substância com o Pai, e por quem foram feitas tôdas as coisas. Que, por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos Céus — e tomou carne, por obra do Espírito Santo, no seio da Virgem Maria; e se fêz homem. Foi crucificado por nós, sob Poncio Pilatos morreu e foi sepultado. E ressucitou no terceiro dia, segundo as Escrituras. E ascendeu ao Céu, onde está sentado à mão direita do Pai, de onde descerá outra vez para julgar os vivos e os mortos: e seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, que também é Senhor, e dá a Vida, e procede do Pai e do Filho, com os quais é juntamente adorado e glorificado, e é quem falou pelos Profetas. Creio na Igreja, que é uma, santa, católica, apostólica. Confesso um batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida nos séculos futuros. Amen.

PERFUMARIAS **CASA FACHADA** NACIONAIS E
FINAS PRAÇA PATRIARCA, 27 ESTRANGEIRAS



Quando se fala em
contacto que é uma carícia...
você compreende logo que se trata de

LINGERIE
Valisère



Tecido indesmaltável
Corte individual rigoroso

... e a toilette estará completa com Meias Nylon Rhod

PANAM - Casa de Amigos

BLUE BELL GILS

insinuante ballet moderno
com

3 AZES e 1 CORINGA

o melhor conjunto vocal do Brasil

e

TERE AMORÓS

bailarina classica espanhola

"Shows" às 23 horas e 1/2 noite e meia

BOITE *Excelsior*

Reservas: 34-7018

PARA A TEMPORADA DO
INVERNO

A
PELERIA
POLO NORTE
S. A.

apresenta
lindas
criações



PELERIA POLO NORTE

RUA MARCONI, 131 - 6.º ANDAR

jóias - relógios - objetos de

CASA BENE

SOCIEDADE DE CULTURA

SARALI 704.º, nos dias 18 e 19 de

REALIZAÇÃO DA

"MISSA SOLENIS"

DE BEETHOVEN

para a dupla comemoração

do 40.º aniversário da SOCIEDADE

do 125.º aniversário da morte de

PROGRAMA

MISSA SOLENNIS, em Ré maior, op. 123

1. KYRIE: Assai sostenuto
Andante assai ben marcato
2. GLORIA: Allegro; Vivace; Larghetto
3. Credo: Allegro ma non troppo;
Andante; Allegro; Grave
4. Sanctus: Adagio; Allegro pesante;
Presto; Preludium; Sostenuto;
Andante molto cantabile
(Violino solo: ANSELMO)
5. Agnus Dei: Adagio; Allegretto; Vivace;
Allegro; Vivace; Tempo primo

EXECUTANTE

Conjunto coral: CORAL LÍRICO e CORAL PAULISTANO,
titulares os maestros SIXTO MECHETTI e MIGUEL ARANDA,
à O. S. B. pelo exmo. sr. Prefeito DR. JOSÉ

Encarregado do côro: Sr. JOSÉ

Conjunto orquestral: ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA,
o Maestro ELEAZAR DE

Solistas-cantores: Soprano LUCIANA BERTOLLI; Contralto
ZIFFER; Tenor AFRICO BALDELLI;

REGENTE

Maestro DR. HUGH ROSS
Maestro BERNARDO FEDEROV

arte - cristais - porcelanas

LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 331 - TEL.: 32-1167

CULTURA ARTISTICA

setembro de 1952 - às 21 horas

GRANDIOSA

MOLENNIS"

HOVEN

o comemoração

DE CULTURA ARTÍSTICA e

LUDWIG VAN BEETHOVEN

AMA

123, para Orquestra, Coro e solistas

cato; Tempo primo

ttc; Allegro

ALO -

Adagio

nuto ma non troppo

(ZLATOPOLSKY)

ep

primo

TES

ca Prefeitura de São Paulo, de que são regentes
RQUERONS, respectivamente, cedidos gentilmente
ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA

Salvador Corvino

EIRA, do Rio de Janeiro, de que é regente titular
DE CARVALHO

trictos **GISELLE THURY** e **MARCELA ASCARELLI**
; Baixo **HERCULES SEVILLIS**

TES:

SS — Regente Geral

OWSKI — Regente assistente

NOIVAS e DONAS DE CASA

Tenham sempre em mente,

Roupas de

C A M A

MESA

e **BANHO**

AS MELHORES NA

Casa Lemcke

FUNDADA EM 1909

RUA 24 DE MAIO, 224

Às 2.as e 6.as aberta até 22 horas

Em **SANTOS:**

Centro:

RUA RIACHUELO, 49

Gonzaga:

PRAÇA DA INDEPENDENCIA, 4

PRATA MERIDIONAL



Que lindo!

PARA CASAMENTOS

BODAS DE PRATA, ANIVERSÁRIOS

não há **PRESENTE** mais distinto!

Nas melhores casas!

No ramo desde 1893

Sanctus

Sanctus dominus, Deus Sabaoth! Pleni sunt coeli et terra gloria tua. Osanna in excelsis.

Sante, Santo, Santo, o Deus dos Exércitos! Os céus e a terra estão cheios de vossa gloria. Hosana no mais alto dos céus!

Benedictus

Benedictus qui venit in nomine Domini. Osanna in excelsis.

Bendito o que vem no nome do Senhor. Hosana no mais alto do céus!

Agnus Dei

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis, dona nobis pacem.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, dai-nos a paz.

Quando os amigos do Arquiduque Rudolph da Áustria souberam que êle seria elevado à posição de Arcebispo de Olmütz, em meados de 1818, Beethoven decidiu aceitar a incumbência de compor uma Missa para a cerimônia da sagração. Era a segunda vez que se dedicava à composição de uma Missa. Não havia compromisso para entrega. "Sem compromisso, convite ou qualquer forma de intimação", assim escreve Schindler na biografia do mestre: "Beethoven decidiu compor uma Missa para a solenidade; assim voltando, depois do trabalho e de muitos anos, ao ramo de sua arte para o qual, depois da forma sinfônica — como êle próprio o disse muitas vezes — se sentia inclinado". A cerimônia da instalação realizou-se a 20 de março de 1820, mas a Missa só ficou pronta em 1823, e foi tocada pela primeira vez em St. Petesburg, a 6 de abril de 1824, sob o patrocínio do príncipe Nicolau Galitzin.

Antes de iniciar a composição da "Missa Solennis", Beethoven investigou o sentido exato do texto latino. Para êle, como mostra sua música, o texto não compreendia totalmente associações puramente rituais. Não há evidência de que a fé de Beethoven tenha sido direta, encontrada em si mesmo e por si mesmo. No alto do manuscrito, êle escreveu: "Vinda do coração, possa ela voltar a alcançar

o coração", e com isto mostrou que o pensamento eclesiástico não interferiu no seu. Se a "Missa" alcança um efeito dramático, é porque Beethoven sentiu o seu assunto dramaticamente, e assim o expressou. Um sentimento pessoal intenso foi o motivo original da "Missa Solennis", assim como toda a sua fatura.

Foi provavelmente a necessidade de liberdade de expressão pessoal que impediu Beethoven de cair mais fundamente no estilo dos contrapontistas primitivos. Sua admiração por Bach é sobejamente conhecida; portanto, se tivesse visto a partitura da "Missa em Si Menor", certamente teria sido influenciado por ela. A principal diferença entre as duas "missas" reside em que a grandeza da fé de Bach levou-o a estender-se em cada seção da sua, enquanto que Beethoven, acostumado de qualquer modo a um pensamento sinfônico mais enérgico, traduziu as suas próprias emoções. Beethoven toma a palavra divina e lança-a, num súbito contraste entre a aclamação e o mistério.

Beethoven esqueceu sua tarefa, seu arquiduque, sua obrigação. Tomando as idéias de sua "Missa", os côros, os movimentos fugados, os solos, usou-os a seu próprio modo e para sua própria mensagem artística. Seu côro, enunciando o texto sagrado com simplicidade, muitas vezes pronunciando palavras independentemente do quarteto que fica acima dêle, é tudo menos o tradicional côro gótico. É quase um côro de Sófocles, um comentarista do povo. Por seu lado, as partes do solo se destacam pela virtuosidade. A orquestra faz mais do que acompanhar, e não se pode dizer que seja uma orquestra litúrgica. Quando Beethoven a subordina às vozes, está obedecendo unicamente à sua inspiração artística, num mosaico de estilos, onde emprega qualquer recurso para dar ênfase ao dramático, ou para ressaltar um trecho que lhe pareça melhor como recitativo. Se outro compositor procedesse assim, sua mistura de música religiosa e laica não passaria de exibição imperfeita. Beethoven pode dar-se ao luxo de desprezar as regras rituais: a sua convicção íntima forja seu próprio estilo, dá-lhe unidade, e por isso a "Missa Solennis" se sobrepõe às censuras de certos puristas acadêmicos.

A G R A D E C I M E N T O

O Maestro Hugh Ross e a Orquestra Sinfônica Brasileira desejam expressar publicamente o seu agradecimento a S. Excia. o Sr. Armando Arruda Pereira, Prefeito de S. Paulo, por ter cedido gentilmente o "Coral Municipal" para a execução desta obra de Beethoven.

A convicção de Beethoven é tanto musical quanto religiosa. Sua estatura como artista em nenhum lugar é mais evidente do que na sua habilidade de tomar uma migalha de ritmo ou melodia, dar-lhe um caráter próprio, e resultar daí um valor puríssimo. A "Missa Solennis" é uma demonstração dessa espécie de alquimia. Um exemplo é a transformação que sofrem as palavras, na sua imaginação. Em Beethoven, muitas vezes as sílabas se transformam em ritmos, substantivos se tornam cânones. Por isso, na "Missa Solennis" quando Beethoven toma o texto, as palavras adquirem uma vida musical: os ritmos e acentos do "Kyrie", do "Gloria", do "Benedictus", ou no "In nomine Domini" se integram na concepção geral musical da obra.

Seria necessária uma excepcional receptividade para sentir, a uma primeira audição, todo o tesouro musical desta criação. O alto nível de intenso sentimento, os momentos de brilho, os momentos de real ternura não se entregam totalmente para uma pronta assimilação. Há aí uma nítida ausência dos largos efeitos que captam a atenção do público leigo — construções cantantes, côros repetidos à maneira Haendeliana, números melódicos de solo para apresentar variedade e provocar repouso. Beethoven não procura empolgar toda uma audiência do modo a que todos o possam seguir. Ele delineia um ponto sucintante, numa partitura tremendamente compacta, muito rica em pormenores.

No alto da abertura do "Kyrie", ele escreveu: "Mit Andacht", e as mesmas palavras aparecem sobre o "Sanctus". Essa indicação pode ser válida para toda a obra. Cada página, quando executada convenientemente, claramente reflete a devoção do autor. Há uma introdução orquestral, uma clara enunciação da palavra **Kyrie**, ligada às vozes solistas e por elas arrebatada, e elas a levam a uma expressão lírica, que o côro desenvolve contrapontisticamente, conduzindo-as à palavra seguinte, **eleison**, em pianíssimo. Já aí as mais importantes características da "Missa" estão expressas. O quarteto solista, em andante, logo aliado ao côro, enuncia a palavra **Christe**. O **Kyrie** volta em diferentes modulações e tratamento, morrendo numa coda ao jeito de prece.

No "Gloria", a força orquestral, com exclusão dos trombones, e o côro logo afirmam a louvação do artista no seu Deus. O tumulto subitamente desaparece quando o côro começa o canto rítmico "e in terra paz hominibus". Depois do "dominante senso da gloria divina", como diz

Tovey, vem, num contraste, o senso da pequenês do homem. O **laudamus te** é acompanhado pelo **gloria** em fortíssimo uníssimo; o **adoramos te** traz um pianíssimo dramático — e vem novamente a glorificação. A música se conforma, frase por frase, com o texto, e no entanto permanece com sua lógica musical. Um interlúdio "cantabile" introduz o **gratias agimus**, um hino de ação de graças que o **Domine Deus** logo invade, com as palavras sobre o "motto" do **gloria** na orquestra. Às palavras **Pater omnipotens**, o poder de Deus domina um côro poderoso, de toda a orquestra, mais o órgão e os trombones.

Novamente, à menção de Cristo como Filho de Deus, há um longo "diminuendo" que nos conduz a um expressivo "larghetto" do **Qui tollis**, a súplica da humanidade para que Cristo a absolva, acentuada pela lamentação coral do **miserere**. O **Quoniam**, breve e majestoso, anuncia a volta, em forma de fuga, do **Gloria**, o climax do movimento. Segue-se o fugato, que não é trabalho em sua forma normal, mas lançado abruptamente por mão de mestre. Uma coda rápida termina tudo. Este trecho só é rivalizado pela fuga final do **Credo**. O **Gloria** é o único movimento que não termina "pianíssimo", com exceção do fim da "Missa".

O **Credo** é o mais longo e também o mais compreensível dos movimentos. A música, como o texto, liga o céu e a terra, é um panorama da fé cristã. O "motto" da palavra **Credo**, repetida várias vezes, é tipicamente beethoveniano. A música se torna "piano" às palavras **et invisibilium**, durante três compassos, e durante mais três às palavras **ante omnia saecula**. Enquanto Cristo desce à terra, a música se torna humilde; sua descida é literalmente descrita pelas vozes e instrumentos descendentes, em oitavas unísonas. **Et incarnatus** é um completo contraste. O tenor canta em solo as palavras sobre o nascimento de Cristo, vindo da Virgem Maria, num adagio cheio de misticismo, em modo dórico, à antiga maneira da música de igreja. Figuras de violinos e flauta emprestam ao trecho côres delicadas, como as de uma pintura florentina primitiva. As outras vozes solistas entram, o côro canta as palavras "pianíssimo", e logo o **Et homo factus est** é enunciado, bravamente, no tom de Re Maior.

O **Crucifixus** é um "adagio" expressivo, dramático, comovente, concentrado. As vozes solistas cantam a primeira frase, o côro entra às palavras **sub Pontio Pilato passus est**. A orquestra executa uma melodia angustiada e terna. Há uma breve

Há
em cada
modelo
BRISTOL
um hino de
elegância

Internacional



CASAS
BRISTOL

Rua Barão de Itapetininga, 54
Rua 15 de Novembro, 118
Av. Rangel Pestana, 1531

pausa após *sepultus est*, e o *Resurrexit* irrompe no *côro*, sem acompanhamento orquestral. O *et* é anunciado de maneira curta, explosiva. As seis palavras são emitidas em seis compassos. Se esta frase tivesse sido repetida uma só vez, seu efeito seria muito menor. O *et ascendit* é tão literal quanto a descida do Cristo à terra. A palavra *judicare* é anunciada pelo trombone, em solo, desacompanhado. As palavras finais do "Credo", *et vitam venturi saeculi, Amen*, tornam-se o sujeito de um extenso tratamento fugato. É um trecho de extrema dificuldade coral, de soberba arquitetura, de tremendo efeito. O *côro* finalmente diz duas vezes *amen*, "fortíssimo", "staccato", e depois, sobre as escalas ascendentes de um "pianíssimo", as palavras desaparecem.

O início do *Sanctus* é feito, em adagio, pelo quarteto vocal. Em meia voz, sobre o trêmolo das cordas, os solistas entoam as sílabas rítmicas. Depois o quarteto continua com o *pleni sunt coeli*, como um curto "fugato". O *Osanna* é um "presto", também em forma de fuga, e curto. Um *Preludium* orquestral, de grande beleza, leva-nos ao *Benedictus*, em que os instrumentos são apoiados pelo pedal do órgão, profundamente, até que de repente o violino e duas flautas irrompem com raios de luz, e descem enquanto os baixos corais cantam "pianíssimo" as palavras *Benedictus qui venit in nomine Domini*. A sinfonia continua com a melodia do violino solo, que as vozes solistas retomam, e depois o *côro*, e a palavra *Osanna* encerra o movimento de um modo tranquilo.

Também "adagio" é a abertura do *Agnus Dei*, o baixo cantando em primeiro lugar, de modo trágico, e logo entrando os outros solistas. Ouve-se o *côro*, pungentemente, enunciar a palavra *miserere*. Mais uma vez o *côro* substitui os solistas, e pela primeira vez diz as palavras *Dona nobis pacem*, que Beethoven rotulou como "prece para a paz interior e exterior". O movimento é agitado, a orquestra sugere distantes trombetas e tambores, como a ameaça de um exército. O contralto e o tenor repetem em recitativo, como uma prece angustiosa, as palavras "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós". O *côro* lança fortemente um *miserere nobis*, que o quarteto retoma, e novamente o *côro*. Há aí um sentido de luta terrível, mas depois a música se torna cada vez mais serena, repetindo uma frase enunciada pelo *côro* ao princípio do movimento. O tema, sem qualquer desenvolvimento, tem um encanto beatífico, e sobre ele surgem os tímpanos, e tudo se encerra majestosamente.

Interpretação da «Missa Solennis» de Beethoven

por HUGH ROSS

A «Missa Solennis» de Beethoven é um desafio aos intérpretes por três razões especiais. A «Missa» percorre cenas de vasta extensão e de grandioso caráter; faz uso de diversos meios de expressão, antigos, do início do século XIX, e até meios modernos, e isto acontece lado a lado com idéias que somente podem ser descritas como universais, embora muitas delas sejam idéias pessoais de Beethoven; e finalmente, Beethoven mostra aqui, tal como na «Nona Sinfonia», o seu dom especial de transformar sinfonias em dramas. Todos esses aspectos da música devem ser considerados cuidadosamente pelo intérprete.

A natureza grandiosa das mensagens de Beethoven são bastante óbvias. O «Gloria» e o «Credo» da «Missa» são, cada qual, uma sinfonia em miniatura, cada um com três partes, com um movimento lento no centro, o «Qui tollis» para o «Gloria» e o «Et incarnatus» no «Credo», e ambos concluindo com um movimento fugado. No «Credo» este movimento é precedido pela volta aos temas de abertura do «Credo in Spiritum Sanctum». Além disto, as vastas idéias musicais aqui expressas são concebidas, muitas vezes durante páginas e páginas, para grande orquestra, e a ela se acrescenta o coro completo, e, de tempos em tempos, o grupo dos quatro solistas. Um problema imediato é a possível monotonia de tantos «climax» — e isto é evitado em parte pela maravilhosa variedade da orquestração de Beethoven, mas existe sempre o cuidado de fixar o tempo para a chegada desses grandes oceanos de som, de tal modo que eles sejam percebidos como inevitáveis, como na verdade são no plano de Beethoven. Mais do que isto, deve-se ajustar as partes da música, umas às outras, de modo que a marcha total da obra seja clara para o ouvinte. Na minha experiência, sempre me pareceu interessante que esses problemas tivessem sido resol-

vidos do melhor modo por um italiano, Toscanini, e por um russo, Koussevitsky. Outra dificuldade bem conhecida é a grande extensão de voz e poder que a obra exige dos cantores: toda história da música menciona a alta entrada em Si Bemol do tema fugado «Vitam venturi» para os sopranos, que, na primeira vez, cantam juntas! Mas esta situação pode ser superada se os cantores são bem dotados com boas vozes e bom treinamento. Mas não há como evitar as passagens cruéis de virtuosismo! A esse respeito, outras obras famosas, como a «Nona Sinfonia» e o «Requiem» Manzoni de Verdi servem de fácil comparação.

Quando estudamos o uso que Beethoven fez destes materiais, encontramos muitos anacronismos: os trompetes e tambores são empregados como fazia Haydn no início de sua carreira de compositor - e os trombones, de vez em quando, como na fuga do «Gloria», dobram as vozes, como faziam ao tempo de Mozart, para evitar que os cantores se percam! Mas não há dúvida de que os cantores prefeririam que Beethoven dobrasse suas partes na segunda fuga do «Credo» («Et vitam venturi») - o que entretanto seria inexecutável pelos trombones! No «Gloria», Beethoven quer um efeito de dragão, mas a magnificência e não a conveniência vocal é a finalidade do autor. Em outras passagens, os trombones positivamente obscurecem Tschaikowsky! E seguramente o interlúdio do «Sanctus», com seu colorido especial de vívidas violas e flautas, deve ter servido de inspiração a Brahms, que escreve movimentos inteiros, como no seu «Requiem Germânico», segundo este modelo. A questão que sempre permanece é a de saber como as funções dos instrumentos, o coro e os solistas variam de um para outro ponto. Um caso interessantíssimo é a apresentação do ritmo do «Quoniam» pela orquestra,

antes que o verdadeiro tema seja cantado, e o retorno, ainda mais marcante, desse ritmo, que aparece suavemente no coro durante a versão dos solistas do "In gloria Dei Pátris" (fuga). Beethoven não está apenas sublinhando o ritmo da palavra "Quoniam": ele está marcando o fato de que esse ritmo cimenta a música, como a sua significação (quoniam igual a porque igual a razão) cimenta a religião no sentido de que "a Palavra era Deus". Observe-se a seguir os meios pelos quais o uso "Haydnescos" dos trombones para pontuação rítmica se torna uma espécie de arcabouço arquitetural! Na belíssima reiteração do "Benedictus", esses instrumentos preparam o quadro para a bela melodia do violino, mudando seu esboço de um quadrado compasso quaternário para um sutil 3 por 2, e dando também uma espécie de bênção triplíce ao mesmo tempo.

O sentido de drama de Beethoven sempre foi considerado a marca de seu estilo. Os temas contrastantes de suas sinfonias têm lutado suas batalhas no desenvolvimento dos mais longos movimentos. Na "Missa", não somente os temas se desenvolvem sinfonicamente, como o tema de abertura do "Gloria", que se expande no largo panorama da fuga do "In Gloria Dei Patris"; mas também os temas adquirem significação pictórica; o tema da fuga "Et vitam venturi" sôa como o rodar dos séculos, primeiro de modo distante e imperceptível, e depois avançando com força irresistível. E o acento dramático é percebido em

todos os pormenores. Por exemplo, a palavra "et" age como uma cortina instantânea entre as cenas sucessivas do "Credo" subitamente acalmadas; separa e ao mesmo tempo liga "vivos et mortuos", ou, pronunciada pelo tenor, anuncia o "Incarnatus", e novamente pronunciada duas vezes, como maravilhada, declara "homo factus est". E talvez o mais frisante exemplo, o grande grito dos tenores, o "et" que proclama "resurrexit tertia die". Que diferenças na significação da mais pequena das palavras! E que cuidado para que ela comunique todo o seu valor! Certo, o sentido de drama de Beethoven nunca está tão evidente quanto no "Dona nobis pacem". Que outro compositor pensaria em projetar esta porção da "Missa" em três cenas que se chocam umas contra as outras quase simultaneamente? Vemos primeiro uma cena pastoral, que nos é trazida pelo coro e pelos solistas; depois os gritos festivos de "pacem! pacem!" que logo se torna um completo desenvolvimento do tema de coro de "Aleluia" no "Messias" de Haendel. "E o Senhor Deus omnipotente reina", enquanto por três vezes perpassar as agonias e terrores do campo de batalha! E tudo isto tem que ser apresentado num só quadro, num só tempo, de modo que o triunfo final possa permanecer, como queria Beethoven, na plena segurança da serenidade e da alegria! Não é, decerto, fácil tarefa atingir com fidelidade as intenções das idéias complexas e profundas que Beethoven condensou em sua "Missa".

OBRAS COMPLETAS E TRECHOS AVULSOS PELOS MELHORES INTERPRETES
TEMOS AS MELHORES GRAVAÇÕES E O MAIOR SORTIMENTO EM DISCOS



Casa Chopin

"VICTOR",
"COLUMBIA",
"ODEON" E
MUITAS OUTRAS
MARCAS.

Músicas — Rádios — Rádios-Victrolas — Pianos
e demais Instrumentos Musicais

MATRIZ: RUA JOSÉ BONIFÁCIO N.º 309 - TELEFONE: 32-6604
FILIAL: ALAMEDA BARROS N.º 47 — TELEFONE: 51-2090

BEETHOVEN VISTO POR ROMAIN ROLLAND

A IDÉIA

Nos seus eleitos desenvolve em geral a música a capacidade de concentração numa idéia. É uma construção em movimento cujas partes devem ser apreendidas simultaneamente. Em nenhum músico mais do que em Beethoven a ação do pensamento é mais violenta, contínua, invencível. Evidente em todas as suas composições, extraordinário "parti-pris" de unidade distingue-o de todos os músicos do seu tempo. Ainda em vida do mestre, percebera já T. A. Hoffmann o parentesco íntimo de todos os temas da "Sinfonia em dó menor". Atualmente, alguns dos seus mais recentes comentadores chegaram a enunciar a lei: "cada uma das suas obras, em todos os trechos, partes e temas, é o desenvolvimento, a variação de um motivo único". Quaisquer que sejam as consequências da aplicação, a meu ver excessiva, desta lei à obra total de Beethoven, é indiscutível ser esta indelevelmente marcada por uma vontade férrea. Sente-se o homem cujo olhar se crava na idéia com terrível fixidez. Não é isso devido, como se poderia pensar, ao fato de estar o solitário emparedado pela surdez,

pois muito antes dela já se acusava a mesma tendência. Quando a idéia lhe ocorria subitamente, em plena rua, no meio de um passeio ou de uma palestra, Beethoven, como dizia, sofria um "raptus". Não se pertencia mais, pertencia à idéia, que só abandonava depois de completamente possuída. A Bettina escreveu, em termos que creio verídicos, porque correspondentes ao que sabemos do seu temperamento: "Lanço-me em-pós a idéia, alcanço-a, vejo-a fugir e perder-se; torno a prendê-la com redobrada paixão; não posso mais separar-me dela, e tenho de multiplicá-la em um espasmo de êxtase, em todas as modulações..."

O MESTRE

Após a idéia — o mestre que nos domina, a força que nos possui. Ninguém, como Beethoven, acumulou e projetou em sua arte tão inaudita energia. É um elemento da Natureza, um rio que se despeña com suas cataratas, tais a peroração da abertura de "Egmont", as explosões da abertura de "Coriolano", a torrente vertiginosa que corre do "scherzo" e se abisma no final da "Sinfonia em dó menor..." Nada de música íntima, que se ausculta a si mesma, adormecida no próprio sonho. A música de Beethoven



Penteado Perfeito

SINAL DE PERSONALIDADE!

A TOILETTE MASCULINA distingue-se por esse "que" de sóbrio que dá, ao cavalheiro, singular personalidade. O Óleo de Lavanda Bourbon, fixador de alta classe, realiza um penteado distinto, dando aos cabelos a maciez e brilho da mocidade e perfumando-os com o aroma agradável da Lavanda.

ÓLEO DE LAVANDA

Bourbon

FIXADOR DE ALTA CLASSE
PARA SENHORAS E CAVALHEIROS

Um produto da PERFUMARIA SAN-DAR S. A.

Rua Teodoro Sampaio, 1422



respira e anda, e faz respirar e andar. E' o sonho em ação, cheio de admirável potência vital. E, principalmente, é sadia, admiravelmente sadia, simples e sadia como a marcha dos seus acordes. E' a respiração dos campos e das florestas, e do homem que luta.

A LUTA

O ouvinte, mesmo o menos habituado à análise dos próprios sentimentos, distingue logo nessa música alucinante e exaltada um motivo psíquico persistente: um combate entre dois elementos, uma gigantesca dualidade que se manifesta do começo ao fim da obra de Beethoven. Encontramo-la na "Patética", que data de 1798, e em certos allegros dos primeiros quartetos e trios anteriores a 1800, os quais são já pequenos dramas. Não se trata de uma ação na qual se defrontam personagens diferentes, o que seria uma interpretação pueril, mas, dentro da unidade do espírito beethoveniano, tempestuoso, ardente e voluntário, duas formas da mesma alma, unidas e opostas, discutindo, lutando, enlaçadas corpo a corpo, não sabemos se para a destruição ou para o amor. Ha dois antagonistas de força desigual, que dizem ao coração coisas diferentes. Um ordena e oprime, outro debate-se e geme, mas ambos, vencedor e vencido, são igualmente nobres. Neles,

nada de impuro, desprezível ou equivoco. Nunca música alguma produziu tal impressão de pureza de alma.

—o—

Até agora ignoramos a natureza da luta ou, pelo menos, o seu valor na existência de Beethoven. Dela participamos sem analisar-la, mas vamos pouco a pouco percebendo que, nessa luta, todos nós estamos interessados. E quando, mais tarde, aprendemos o que significava ela para o mestre, já não é mais uma descoberta: damos apenas um nome àquilo que sentíamos sem poder definir.

O combate, em Beethoven, é entre a alma e o destino. Não é uma suposição, nem a empresto a Beethoven. Ele próprio nô-lo diz... Seus pensamentos, escritos e citações de poetas soam como trágico desafio à Fatalidade.

"Que me resta fazer? — Ser mais forte que o Destino".

Sua luta é a nossa luta, é de todos os tempos, de todos os lugares. Em toda parte, o espírito do homem, a força dos desejos, das esperanças, das ambições de amor, poder e conhecimento, são detidas por mão de ferro: a brevidade da vida, a instabilidade, limitação de forças, indiferença da natureza, enfermidades, fracassos, decepções. Encontramos em Beethoven nossas derrotas e sofrimentos, por



Fermendo
PERFUME DE LUXO

**LIMPEZA A SECO HÁ
MAIS DE 15 ANOS**

**Tinturaria
SAXONIA**



LIMITADA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE
ROUPAS DE SENHORAS, CAVALEIROS e CRIANÇAS — CORTINAS, TAPETES, ETC.

AGÊNCIA:

Rua Senador Feijó N.º 58 — sobre-loja —
Telefone: 32-2396

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

Rua Barão de Jaguará N.º 980 —
Telefone: 33-7271

SÃO PAULO

ele, entretanto, enobrecidos e purificados.

A este primeiro benefício junta-se um segundo, e bem mais importante: deste homem torturado recebemos a resignação heroica e paz no sofrimento. Realizou ele, e realiza para nós, a harmonia estoica de ver a vida como ela é, e de amá-la apesar de ser como é. Aceita o Destino e com a derrota constroi a vitória. Essa vitória não é a de um homem isolado. Ela é também nossa. Beethoven venceu por nós.

“Quem compreender minha música, libertar-se-á da miséria onde jazem os outros...”

—o—

O TESTAMENTO DE HEILIGENSTADT

Nos primeiros dias de Outubro de 1802, pouco antes de regressar a Viena, Beethoven, na mais sombria disposição de espírito e, ao que parece, perto do suicídio, redigiu uma longa carta a seus irmãos, a qual foi encontrada somente após sua morte, entre seus papeis, e à qual foi dado o nome de “Testamento de Heiligenstadt”. O documento, contém a indicação: “Para meus irmãos Carlos e”, tendo sido deixado cuidadosamente em branco o nome do seu irmão João, cada vez que devêra ser escrito.

—o—

“Para meus irmãos Carlos e Beethoven.

O’ vós, homens que me credes ou dizeis vingativo, ceptico ou misantropo, como sois injustos ! Não conheceis o motivo secreto do que vos parece tal. Meu coração e meu carater foram desde a infância inclinados ao doce sentimento da benevolência. Senti-me mesmo sempre disposto a realizar grandes ações. Mas basta que vos lembreis que me encontro, há seis anos, em estado doloroso, agravado por médicos incapazes, desiludido, de ano para ano, da esperança de restabelecimento, acabrunhado enfim pela perspectiva de uma enfermidade crônica (cuja cura exigirá talvez anos, se não for mesmo impossível). Nascido com um temperamento ardente e vivo, suscetível mesmo de gozar das distrações sociais, desde

bem cedo tive que isolar-me e levar uma vida solitária. Por momentos, desejava bem vencer tudo isso; oh! quão duramente repellido me sentia pela experiência duplamente triste da minha miseravel enfermidade; e, entretanto, não me era possível dizer aos outros: “Falai mais alto, gritai porque sou surdo”. Ah! como confessar a fraqueza de um sentido que eu devia possuir num grao mais elevado que outras pessoas, um sentido que outrora era perfeito, de uma perfeição como certamente poucas pessoas da minha profissão tiveram! Oh! Não posso! Também, perdoai-me quando me virdes afastar-me de vós, que eu com tanto prazer procurava! Duplamente me afeta a desgraça, porque ela faz com que eu seja mal compreendido. Para mim, acabaram-se o prazer na sociedade humana, o convívio agradável, as expansões recíprocas. Quasi inteiramente só, ousou introduzir-me na sociedade apenas tanto quanto o exige imperiosa necessidade. E’-me forçoso viver como um proscrito. Quando me encontro em sociedade, uma ardente ansiedade me retém, pois receio vêr-me na contingência de dar a perceber o meu estado. Passei assim este meio ano em que permaneci fora de Viena. Obrigado pelo meu experiente médico a poupar o ouvido tanto quanto possível, foi ele ao encontro de minha disposição atual, embora muitas vezes, levado pelo meu desejo de sociedade, tenha transgredido suas ordens. Mas que humilhação quando alguém, ao meu lado, ouvia o som longínquo de uma flauta, e eu nada ouvia, ou então ouvia cantar o pastor e eu ainda nada ouvia. Tais circunstâncias levaram-me ao desespero e pouco faltou para que puzesse termo à vida. Ela somente, a Arte, m’o impediu. Ah! Parecia-me impossível deixar o mundo antes de ter realizado tudo aquilo que eu sentia me fora determinado! E assim prolonguei esta miseravel existência, tão realmente miseravel que toda transição um pouco brusca pode levar-me do melhor ao pior estado. Paciência, — é o nome de quem devo tomar doravante como guia. Eu a tenho. Duravel será, espero-o, minha resolução de perseverar nela, até que praça às Parcas inflexiveis cortar o fio de minha existência. Talvez seja melhor assim, talvez não. Estou disposto a tudo. Já aos vinte e oito anos fui obrigado a

Você quer contribuir para a Campanha Contra o Cancer? Deposite o seu doativo em qualquer Banco ou Caixa Economica da cidade de S. Paulo, em nome da Associação Paulista de Combate ao Cancer. RUA JOSE' GETULIO, 211 FONE: 31-4875

tornar-me filósofo. Isso não é fácil, e muito mais penoso é para os artistas do que para qualquer outro.

Divindade, que me vês o íntimo do coração, tú o conheces e sabes que nele residem o amor dos homens e a inclinação ao bem! Oh! homens! se um dia lêdes isto, lembrai-vos que me tratastes injustamente, e que o infeliz consola-se encontrando um companheiro de desgraça que, apesar de todos os infortúnios da natureza, fez tudo o que estava ao seu alcance para elevar-se ao nível dos artistas e dos homens dignos.

Vós, meus irmãos Carlos e, logo que eu morrer e se o professor Schmidt for ainda vivo, rogai-lhe em meu nome descrever minha enfermidade e juntar esta carta à historia da minha doença, para que ao menos o mundo, tanto quanto possível, se reconcilie comigo após minha morte. Ao mesmo tempo vos declaro aqui ambos herdeiros de meu modesto peculio (se posso assim considerá-lo). Partilhai-o lealmente, compreendei-vos e ajudai-vos mutuamente. As ofensas que me fizestes já o sabeis, foram perdoadas, há muito tempo. A ti, irmão Carlos, agradeço particularmente pelo devotamento que me testemunhaste nestes últimos tempos. Meu desejo é que tenhais ambos uma vida melhor e mais isenta de cuidados que a minha. Recomendai a vossos filhos a Virtude; ela somente, e não o dinheiro, pôde dar a felicidade. Falo por experiência. Ela amparou-me na desgraça; agradeço-lhe, bem como à minha Arte, o não ter terminado minha vida pelo suicídio.

Adeus, e amai-vos. Agradeço a todos os meus amigos, especialmente ao príncipe Lichnowsky e ao professor Schmidt.

Desejo que os instrumentos do príncipe L. possam ser conservados por um de vós, mas que isso não cause questões entre ambos; todavia, se vos forem uteis de outro modo, vendei-os. Como serei feliz se, mesmo na sepultura, puder ainda ser-vos útil! Que assim seja. Com alegria vou ao encontro da morte. Ser-me-á demasiado cedo, apesar do meu desgraçado destino, se ela vier antes que eu possa desenvolver todas as minhas faculdades artísticas, e eu desejaria que ela viesse mais tarde; mas estimarei que ela me liberte de incessante suplício.

Vem quando quizeres, vou corajosamente ao teu encontro. Adeus, e não me esqueçais completamente na morte. Mereci que vos lembreis de mim pois, durante minha vida, pensei frequentemente em vós, em vos tornar felizes.

Heiligenstadt, 3 Outubro 1802.

Ludwig Van Beethoven.

—o—

“Heiligenstadt, 10 Outubro 1802. Assim bem tristemente eu me despeço. Sim, devo abandonar inteiramente essa doce esperança que me acompanhara aqui, de me ver restabelecido, pelo menos até certo ponto. Como as folhas de outono decam, assim vi esta esperança morrer para mim. Regresso mais ou menos como estava ao chegar. Desvaneceu-se a coragem que me animava frequentemente durante os belos dias de verão. O’ Providencia, permite iluminar-me ainda um dia puro de alegria! Há tanto tempo o éco íntimo da verdadeira satisfação me é estranho! Quando, ó Divindade, poderei de novo gozá-lo no templo da Natureza e da Humanidade? Jamais? — Não, seria demasiado cruel!”

—o—

Qualquer comentario diminuiria a significação de tal documento, único talvez na história da arte.

“E’ um grito de revolta e de dor dilacerante”, escreveu Romain Rolland. “Não se pôde ouvi-lo sem sentir piedade. . . Parece um lamento de agonia e, entretanto, Beethoven viverá vinte e cinco anos ainda. Sua natureza robusta não podia resignar-se a sucumbir”.

—o—

Esse documento, cujo original está atualmente em Hamburgo, foi reproduzido em fac-simile em um “Beethoven-Heft” da revista “Die Musik”, (Berlim, 1900).

Lê-se à margem do último paragrafo: “Para meus irmãos Carlos e após minha morte, ler e cumprir”.

(Do livro “Les symphonies de Beethoven”, por Prod’homme).

GENEROSO AMIGO

Da sua bondade e da sua bolsa dadivosa, os doentes de lepra do Sanatorio Cocais esperam um pequeno quinhão para a fraternal CEIA DA NOITE DE NATAL, Deus lhe dará a recompensa, em saúde, fartura e alegria.

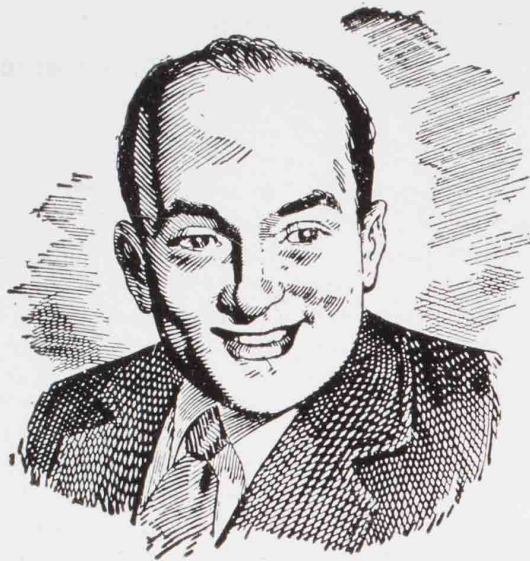
Caixa Beneficente do Sanatorio Cocais

A DIRETORIA

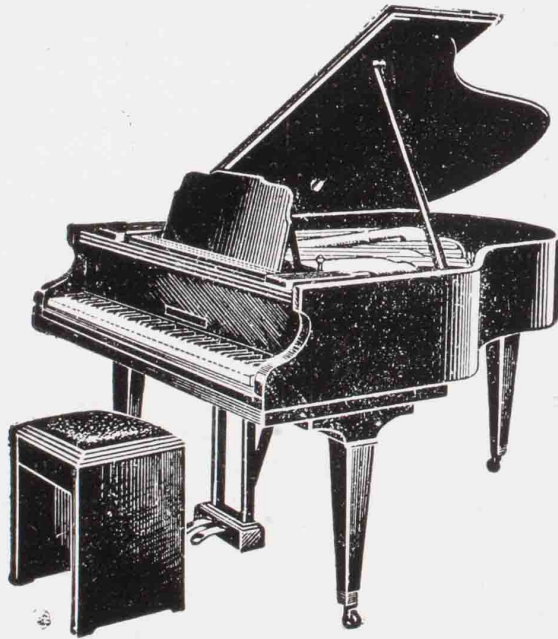
CAIXA POSTAL, 9 — CASA BRANCA — Estado de São Paulo

Dois atestados para
uma perfeição...

— PIANOS BRASIL!



“É um grande prazer para mim, conhecer os pianos “BRASIL”. Tenho a impressão nítida, que êsses instrumentos alcançaram a perfeição absoluta e que êles constituem d’oravante a vanguarda do bom piano para a América do Sul, do Norte, para o mundo inteiro. Com minhas mais vivas felicitações.”



“Trata-se de um magnífico instrumento à altura de tôda e qualquer exigência de um virtuose. A sua sonoridade nada fica a dever a nenhuma marca estrangeira e o seu mecanismo é de uma precisão e obediência notáveis. Conhecendo-o agora mais detalhadamente, reforço com entusiasmo minha primeira impressão. Trata-se realmente de um instrumento excepcional.”



Peça gratis interessante folheto ilustrado, contendo todos os artisticos mode'os dos PIANOS BRASIL.

PIANOS BRASIL S.A.

RUA STELLA, 63 - SÃO PAULO

Orquestra Sinfônica Brasileira

Presidente: Dr. EUVALDO LODI

DIRETOR ARTISTICO E REGENTE TITULAR:

Maestro ELEAZAR DE CARVALHO

CONSELHO DIRETOR

Desembargador Dr. Eduardo Espinola Filho — Presidente

Deputado Dr. Euvaldo Lodi

Dr. Arnaldo Guinle

Desembargador Dr. Leopoldo Duque Estrada

Almirante Adalberto Lara de Almeida

Dr. Luiz Simões Lopes

Dr. Mario Pollo

Coronel Antônio Coelho dos Reis

Sr. Luiz Severiano Ribeiro

Dr. Paulo Portugal

Professor Dr. Pedro da Cunha

Dr. Ernesto Lopes da Fonseca Costa

Professor Moacyr Liserra

Professor Hans Breitinger

SUPLENTES

Dr. Alberto Guimarães de Sá

Dr. José Gonçalves Bandeira

Dr. Ivo Magalhães

CONSELHO FISCAL

Dr. José Maia de Carvalho

Dr. Antônio Ribeiro da Fonseca

Dr. João Carlos Machado

DIRETORIA

Presidente — Deputado Dr. Euvaldo Lodi

Vice-Presidente — Dr. Mario Pollo

Diretor Artístico — Maestro Eleazar de Carvalho

1.º Secretário — Dr. José Rego Costa

2.º Secretário — Sr. Fernando Robles

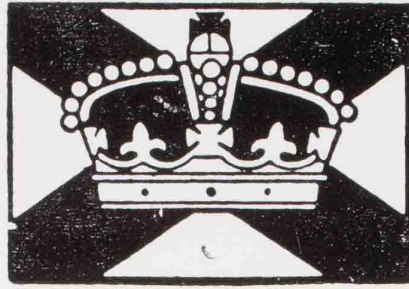
1.º Tesoureiro — Sr. Fritz da Camara Luchsinger

2.º Tesoureiro — Sr. Carlos da Costa Guimarães

Redator Musical — Dr. Guilherme Figueiredo

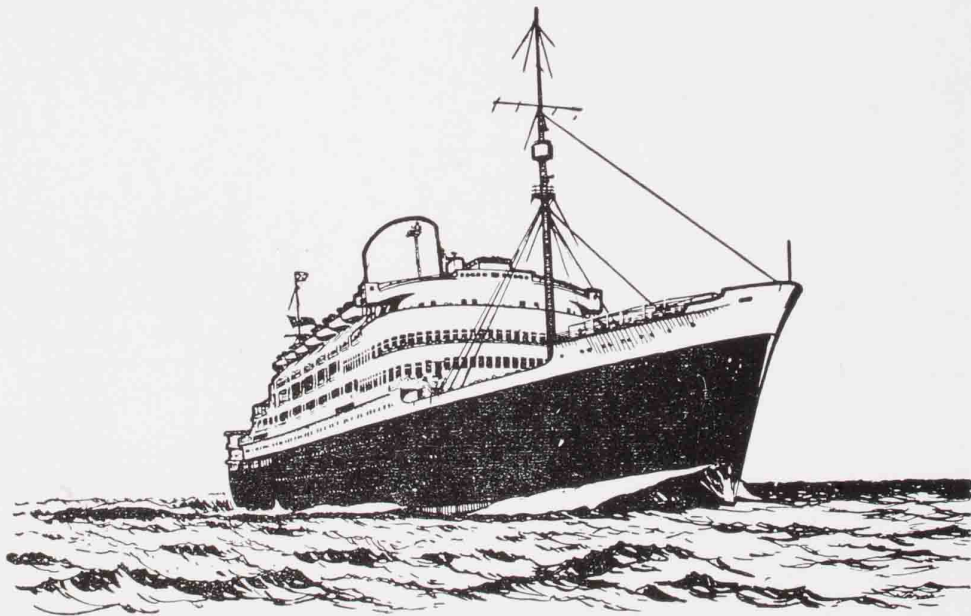
1952 — Décima Segunda Temporada — 1952

Avenida Rio Branco, 137 — 8.º andar — sala 803 — Telefones: 22-5842 e 22-4592



MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL LINE



“ANDES” 26.000 ton. — **“ALCANTARA”** 22.200 ton.

NAVIOS GRANDES, LUXUOSOS E RAPIDOS

“HIGHLANDS”

CONFORTAVEIS E ECONOMICOS

*Serviço de passageiros
entre Brasil, Europa e Rio da Prata*

AGENTES EM SÃO PAULO

MILLER, & CIA. LTDA.

PRAÇA DA REPUBLICA N.º 76
EDIFÍCIO MARIA CRISTINA — TELEFONE: 32-5171

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Presidente: Dr. EUVALDO LODI

Regente Titular: Maestro ELEAZAR DE CARVALHO

COMPONENTES

Primeiros Violinos

Anselmo Zlatopolsky (spala)
Jeremias Waschitz
Celio Nogueira
Marcelo Pompeu Filho
Alceu Camargo
Edmundo M. Bisaggio
Cynira R. Millions
Octavio Miranda Ilha
Fiordaliza Guimarães
Fernando T. Cunha
Iracema Cintra
Abraão Chimanovitch
Branca C. Cunha
Homero Gelmini
Robert Arnaud
Cheri S. Mona Muniz

Segundos Violinos

Weldemar Szpilman
Roberto Domenech
Jorge Faini
Salomão Rabinovitz
Norberto Zuckermann
Svetoslaw I. Mitikoff

Aizik M. Geller
Julio Drebtschinsky
Rosina Bessa
Adolpho Colker
Maria Elena Faini
Enilde Jotta
Zoé Monteiro Lindenberg

Violas

Stefano Passaggio
Carmen Boisson
Lucano Germano
Guido Cantelli
Frieis E. Bertulis
Felix Cyncynates
Luiz Eduardo Salles
Paulo A. A. Stefanini
Renaut P. de Araujo

Violoncelos

Georges Bekefi
Mario Tavares
Ramon Bataller
Roberto C. E. Strutt
Nicolau Hohloff
Gerd Simon

Luiz F. de Oliveira
Ana Bezerra de Melo
Lucia Grimaldi

Contrabaixos

Antonio Leopardi
Agostino Paglia
Ario Tonini
Aurelio R. dos Santos
David Dias de Paiva
Geraldo Gomes
Dalmo Bonturi
Renato Sbragia
Luciano P. Perrotta
Henrique Martins

Harpa

Giani Fumagalli

Flautas

Moacyr Liserra
Marie Thérèse O.
Ernest
Maria do Carmo
Silva

Flautim

Sebastião Tosto

Oboes

Camile C. Deschamps
Hans Breitinger
Joaquim B.
Wanderley

Corne Inglêss

Augusto Keller

Clarinetes

Jayoleno dos Santos
Josino José Corrêa

Requinta

José Alexandre Carvalho

Clarone

José Rosa Ribeiro

Fagotes

Noel Devos
Adam Firnekaes
Paulo da Costa Braga

Contra-fagote

Sebastião S. de Almeida

Trompas

Giuseppe Bianchini
Marcos Benzaquem
Jayro Ribeiro
Elvio Mononesi
Savino Cattani

Trompetes

Nelson Rangel da Silva
Adrião G. de Freitas
Gumerindo Melo

Trombones

Francisco Nogueira Reis
Paulo José de Oliveira
Miguel Alves de Azevedo

Tuba

Aprigio L. de Carvalho

Tímpanos

Harry Miller

Percussão

Jonas Malaiska
Francisco G. de Castro
Angelo Rodrigues Silva
Arlindo Castelo Branco

Piano e Celesta

Werther Politano

Arquivista

Fritz Gottwald

Inspetor

Gumerindo Melo

Chefe Serviço de Transportes
Arlindo Castelo Branco

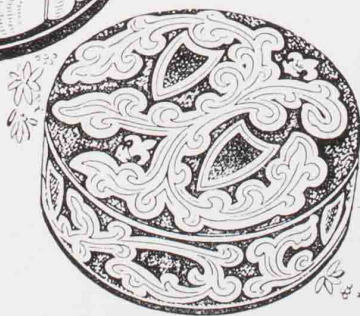
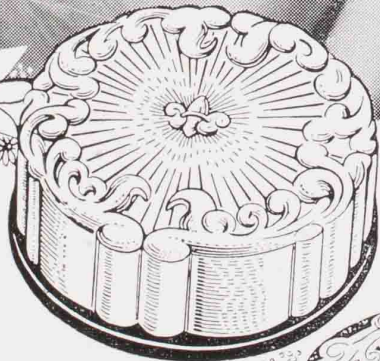




Poema da Côr...

...o pó-de-arroz Tormento dá à sua pele suavidade de pétalas de flor... a fragrância persistente das tardes primaveris... a maciez do cetim. As lindas tonalidades de pó-de-arroz Tormento foram criadas por Mestres da Côr, para maior realce da beleza feminina.


P Ó - D E - A R R O Z



O pó-de-arroz **TORMENTO** é oferecido, também, em ricos estojos de matéria plástica próprios para presente.

branco
raquel
ocre
bois-de-rose
pêssego

Tormento



Os mais lindos tecidos para a primavera aos preços mais baixos da cidade você encontrará nas conhecidas

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

Onde todos compram

TECIDOS
QUE NÃO
DESBOTAM